



issn: 2176-5960

Προμηθεύς
journal of philosophy



January – April 2024 N. 44

PLATÃO E EPICTETO CONTRA O MEDO DE ΜΟΡΜΟΛΥΚΕΙΑ

PLATO AND EPICTETUS AGAINST THE FEAR ΜΟΡΜΟΛΥΚΕΙΑ

Leonardo Guimarães da Costa

Doutorando em Filosofia (UnB)

RESUMO: A Grécia antiga conhece um termo para designar o pavor infantil: μορμολύκεια. Eram feitiçeiras ou criaturas tenebrosas evocadas pelas mães e amas para disciplinarem as crianças que não se comportavam. Com este artigo pretende-se entender como o termo 'μορμολύκεια' é utilizado por Platão no *Fédon*, e como Epicteto utiliza dela para conceber a posição que o filósofo deve ter perante a morte e o medo da morte. Assim, o medo da morte pode ser entendido como um medo infantil de algo que não deve preocupar. A face sombria da pavorosa μορμολύκεια traduz ausência ontológica e imaginação fértil que interferem na busca do conhecimento e da vida filosófica.

PALAVRAS-CHAVE: Platão; Epicteto; Μορμολύκεια; Medo da morte.

ABSTRACT: Ancient Greece knows a term to designate childhood fear: μορμολύκεια. They were witches or dark creatures evoked by mothers and nurses to discipline children who didn't behave. This article intends to understand how the term 'μορμολύκεια' is used by Plato in the *Phaedo*, and how Epictetus uses it to conceive the position that the philosopher must have in the face of death and the fear of death. Thus, the fear of death can be understood as a childhood fear of something that should not worry. The somber face of the dreadful μορμολύκεια translates ontological absence and fertile imagination that interfere with the pursuit of knowledge and philosophical life.

KEYWORDS: Plato; Epictetus; Μορμολύκεια; Fear of death.

INTRODUÇÃO

O *Fédon* de Platão é o diálogo onde Sócrates está conversando e discutindo filosofia pela última vez com seus companheiros, em seu último dia de vida. Para acalmar os seus companheiros que estão confusos com o seu estado feliz, seguro e

nobre na antessala da morte (*Phd.* 58e-59a), Sócrates levanta a discussão sobre a morte e sua operação no indivíduo: “acreditamos que a morte é alguma coisa?” (64c).

Assim, a discussão gira em torno daquela conceituação da morte que ele mesmo entrega preliminarmente: é a separação da alma e do corpo (64c). Sócrates oferece, através de doutrinas antigas (70c) e hipóteses primárias e ingênuas (100d), aquilo que os estudiosos do Fédon definiram como os quatro argumentos acerca da demonstração da imortalidade da alma: o argumento cíclico (69e-72e); o argumento da reminiscência (72e-78b); o argumento da afinidade (78b-84b); e o argumento final (102a-107b.)

Mas para falar dos efeitos psicológicos que a morte gera nas pessoas, Platão utiliza de uma figura pertencente ao ciclo dos pavores e assombrações infantis. Recear a morte é como ter medo de μορμλύκεια (77e). No entendimento de Epicteto, Sócrates (ou Platão, melhor dizendo) chama belamente o medo da morte de μορμολύκεια (*Diatr.* 2.1.15). Assim, o seu entendimento do medo da morte, que não está ao encargo dos seres humanos, deriva da noção platônica do vocábulo μορμολύκεια.

Para entender como se opera esse empréstimo que Epicteto toma do entendimento platônico do termo, precisamos rastrear as transformações do vocábulo na história. Μορμολύκεια vem de Μορμώ, uma mulher coríntia que um dia foi acusada de ter devorado seus filhos e fugido para longe, sendo então tida como uma feiticeira, espectro, besta e demônio. A primeira parte deste artigo pretende traçar essa transformação da mulher coríntia em um terror noturno. Logo em seguida, colocaremos o entendimento platônico do termo para em seguida entender como Epicteto constrói sua concepção de medo da morte a partir do pensamento platônico. Há de se passar, neste caminho, pela representação que se faz da mulher que não vai satisfaz a expectativa social.

DE ΜΟΡΜΩ Α ΜΟΡΜΟΛΥΚΕΙΑ

A Grécia antiga conhecia um nome para designar uma assombração noturna responsável por apavorar as crianças que se comportavam mal: μορμολύκεια. Mormô pertencia ao tipos de bruxas que eram invocadas pelas mães, amas de leite e anciãs como instrumento de controle das crianças más. Na definição de Patera (2015, p. 108), a

definição de Mormô designa uma assombração espantosa, um dos seres fabulosos na história para criança, que pode ser usado tanto para expressar uma interjeição como para expressar o medo.

O vocábulo μορμολύκεια é a junção de duas palavras: “Μορμώ” e “-λύκεια”. A terminação “-λύκεια” designa “lobas”, enquanto a primeira permanece como uma palavra difícil de se traduzir. Alguns autores encontram traduções literais do termo. Para ilustrar alguns exemplos, temos a de Brandão (2015, p. 260), que utiliza o termo “mormólices”; e a de Dinucci (2019, p. 99), que traduz como “máscaras da loba má”. Mas a complexidade de uma tradução literal é tão árdua a ponto de alguns autores substituírem-na por palavras mais acessíveis com sinônimos aproximados: Azevedo (2000, p. 59) utiliza o termo “bicho-papão”; Burnet (1911, p. 64) traduz para “*bugbear*”; Paleikat e Costa (1979, p. 82) utilizam “as assombrações”.

Para entender como o termo adquire múltiplos sentidos, é necessário encontrar o significado do termo em sua história. Assim, encontrando a origem da história do vocábulo “μορμολύκεια”, é possível delinear os seus múltiplos significados que designam uma criatura monstruosa associada à uma besta, um fantasma e um espectro demoníaco, uma máscara do teatro, uma interjeição e por fim uma palavra que designa o terror noturno.

O significado de Μορμώ carrega em si o signo do feminino. Isso porque, além de ser considerada uma espécie de feiticeira, Μορμώ é o nome de uma mulher em uma antiga história coríntia. Essa mulher rejeitou a maternidade de uma forma monstruosa. Um escólio de origem provavelmente tardia¹, conta:

[A expressão] “as coisas que, quando as crianças ouvem, as atingem de medo” falam de Μορμώ e Λάμια (...) Μορμώ foi uma [mulher] coríntia que depois de devorar seus filhos uma noite, fugiu para longe. Então, quando as mulheres querem assustar seus filhos, elas invocam Μορμώ. Teócrito diz: Μορμώ morde”. Resultou disso μορμολύκεια como terror. [...] Fala de Μορμώ, que faz as crianças tremerem de medo quando ouvem falar dela. Atualmente chamamos Μορμώ de

¹ Esse entendimento deriva de Lenz (1964) que acredita que o escólio não é antigo, mas fruto de uma adição tardia.

ὄνοσκελίδα (escólio a Aristidis, *Panathênaios* 102, 1-3, 8-13. Tradução minha.).

Assim, Μορμώ carrega o estigma da rejeição da maternidade no âmago de sua história. Por isso sua associação profunda com o mito líbio da Λάμια, mulher que foi transformada em monstro viperino por Hera. Ao raptar também os seus filhos, Hera desperta na Λάμια um instinto monstruoso que a faz devorar as outras crianças, no desespero pela perda dos seus. Conforme Patera (2015, p. 106-107) é a atitude sinistra de devorar crianças que possibilita a associação da Μορμώ com o mito líbio. Fontenrose (1980, p. 116) indo mais além, acredita que a história da mulher coríntia é apenas uma variação do mito da Λάμια.

A ação da mulher de devorar seus filhos e fugir para o desconhecido a coloca em um terreno do desconhecido. Ela poderia estar, no imaginário infantil, à espreita em qualquer lugar, para agir com rapinagem e crueldade para com qualquer outra criança. O seu ato, bestial e cruel a afasta, conforme Patera (2015, p. 112) da comunidade dos vivos e a insere na comunidade dos mortos. É assim que Teócrito entende a Μορμώ: seu ato filicida, de aspecto bestial, a coloca como uma besta (θηρίον), daí a anotação do escoliasta de Aristides, de que ela é ὄνοσκελίδα, isto é, que tem pernas de asno².

É na Sicília de Teócrito, que a Μορμώ terá associada às suas pernas de asno. Teócrito diz: μορμώ, δάκνει ἵππος (*Idyll.* 15.40). Essa associação de uma μορμίπιος não encontra lugar na Ática, segundo Johnston (1999, p. 174), mas tão somente na Sicília. Na Ática, por sua vez, a associação lupina prepondera no imaginário. O lobo carrega no entendimento grego o aspecto da rapinagem e a inescrupulosidade lupina em obter a saciedade.

Assim, a associação que perpassa pela bestialidade aproxima a antiga mulher coríntia do espectro demoníaco. Johnston (1999, p. 164) diz que Μορμώ pertence à classe as ἀοραί. Uma ἀορή é uma mulher que morre prematuramente ou de um modo violento e que não pertence nem ao Hades, onde poderia facilmente transitar, nem ao mundo dos mortais, sendo condenada a atender o chamado, sem dificuldades, de que a invoca.

² Essa característica a aproxima da Empusa, criatura lacaia de Hécate, que possuía, dentre outras características, pernas de asno.

Mas Patera encontra um obstáculo em classificar a Μορμώ como pertencente as ὄροαί. Isso porque a condição basilar para se tornar uma seria a morte prematura ou violenta, e ao que se sabe a sanguinolência vem da mãe que devora a seus filhos, nada dizendo o escólio que a mulher teve um fim violento (PATERA, 2015, p. 167).

Não é por isso, todavia, que a mulher deixa de ser vista como um espectro demoníaco. Tzetzés (*Chil.* 5,22 v. 724-725), no século XII, chama-a de “aparição lupina na escuridão”. Suas aparições e metamorfoses são descritas já na literatura antiga. Filóstrato em sua obra *Vida de Apolônio de Tiana* menciona um jovem chamado Menipo que foi seduzido por uma bela jovem que queria casar-se com ele. Mas em certo momento, a jovem assumiu a sua verdadeira característica, pois era uma das μορμολυκίας que na verdade só deseja engordar o jovem Menipo para devorá-lo (4,25).

Μορμολυκεῖον pode ser também a máscara do teatro. Aristófanes registra o termo algumas vezes (*Pax*, 474; *Ach.*, 582; *Thesin.*, 417). As crianças temiam essas máscaras pois eram horrendas e feitas para causarem medo. A máscara carrega o horror do oculto por trás de si, é uma realidade desconhecida, mas próxima e visualizável.

Μορμώ designa o pavor infantil. Hesíquio de Alexandria reúne em seu léxico as variações do vocábulo μορμώ: μόρμη (algo terrível, estupefaciente); μορμολύξασθα (assustar); μορμολύττει (ele é assustador); μορμολύττεται (ele teme); μορμύνει (que usa expressões aterrorizantes ou que exagera nelas); μόρμορος (medo); e μόρμοι (medos vão). A repetição fônica de sílabas a aproxima de γοργωρός, vocábulo que o homem adulto entende por medo. Também a aproxima de Górgona. Essas palavras com repetição fônica de sílabas são associadas a Μορμώ, segundo Chantraine (2008, p. 224) em sua semântica.

Além de designar o medo vão e infantil, o vocábulo pode adquirir outras funções. Eustáquio a associa ao burburinho das águas (*Ad. Il.* xviii, 402, 115). Esse burburinho pode remeter ao rio infernal Aqueronte, que é guardado pela μορμολυκῆ. Invocá-la é repetir um som gutural cuja repetição silábica remete ao vai-e-vem de águas infernais. Também remete ao som gutural, segundo Chantraine (2009, p. 224). Até mesmo um sentido interjetivo. Aristófanes em *Cavaleiros* (vv. 691-693) menciona: “Μορμώ τοῦ θράσου”, que pode ser traduzido como “ai de mim, que insolência!”³

³ Cf. Mortoza (2016, p. 89).

Por trás de todo o significado do vocábulo, há que se notar uma questão normativa de gênero. É que a mulher coríntia foi afastada do mundo mortal e inserida no mundo dos mortos por sua rejeição à maternidade. Seu aspecto fantasmagórico, que não encontra lugar em nenhum dos mundos se dá pelo seu ato que sela sua decisão por rejeitar a seus filhos. O estigma da mulher que não cumpre a função normativa de ser mãe é ter sua associação à violência e ódio hediondo pela prole. Nesse sentido, pode-se pensar se de fato a história aconteceu como de fato conta o escoliasta, ou se foi acrescido essa história simplesmente porque uma mulher coríntia decidiu-se por abandonar a maternidade e ir embora.

Assim, a mulher coríntia carrega os traços das monstruosas mulheres míticas que carregam o selo da rejeição da maternidade. Ela é um modelo para que a mulher autêntica, mansa e não-violenta seja aquela que tem uma reprodução bem-sucedida e que ama e educa a seus filhos. Assim, a mulher que não desejasse o casamento e nem tivesse o desejo de reproduzir, pertenceria ao mundo dos atormentados, como a Μορμώ. Enquanto os meninos encontram seu modelo em valorosos e virtuosos heróis, as meninas são instruídas com histórias como a de Μορμώ, a de Λάμια, e tantas outras que têm a face monstruosa por seu afastamento da maternidade.

PLATÃO, EPICTETO E O MEDO DA MORTE

Em Platão, é no diálogo *Fédon* que o termo μορμολύκεια surge em um contexto em que o medo da morte é evidenciado. Nesse diálogo, Platão conta com toda a carga dramática e filosófica, o último dia da vida de Sócrates, e dentro desse último dia, conta as coisas que ele disse e fez (57a). Sócrates fala constantemente de filosofia, e no último dia de vida estão a discutir a imortalidade da alma. Mas as coisas que ele fez, isto é, o seu estado, igualmente chama a atenção, pois Sócrates mostra-se uma figura *átopa*, fora do comum: podendo se desesperar na antessala da morte, ele apresenta um estado feliz pela segurança e nobreza com que enfrentou o seu fim. (58e).

Esse estado psicológico em que Sócrates se encontrava é o que leva seus companheiros a estar em um misto de emoções singular. O próprio Fédon relata a Equécrates que não sentia compaixão por assistir ao transe doloroso de um ente querido,

mas nem tampouco era aquele prazer que sentia de outrora quando conversavam sobre filosofia (58e-59a). Esse misto de emoções faz com que Sócrates tenha de defender para seus companheiros, que estavam relutantes em aceitar a sua morte ou permanecerem serenos diante delas, que aquele que vive de filosofia, constantemente aprende a morrer (67e).

Assim, os argumentos filosóficos de Sócrates visam demonstrar essa confiança e serenidade diante da morte. Começa a expor o primeiro argumento a favor da imortalidade da alma: tudo o que é vivo provém do que é morto. Assim, da morte nasce a vida, o que implica que não há uma dissolução da alma e sua finitude (69e-72e); O segundo argumento mostra que a alma já preexistia antes do nascimento, fato evidenciado pela reminiscência (72e-78b)

Mas Símiias e Cebes não estão satisfeitos com a demonstração. Suas objeções vão afirmar que Sócrates só demonstrou a preexistência da alma e não a sua imortalidade e imperecibilidade. O anseio dos interlocutores por demonstrar a imortalidade da alma são desmascarados por Sócrates, que vê não um interesse propriamente filosófico, mas um desespero de serem convencidos de que após a morte, a alma sobrevive. Esse desespero é um pavor infantil, de que a alma, ao sair do corpo, se dissipe como fumo no ar. Cebes então rebate o diagnóstico de Sócrates:

C. Faça, pois, de conta que somos uns medrosos, Sócrates, e trate de nos dar ânimo... ou antes, que não somos nós os medrosos, e sim uma certa criança que existe talvez no íntimo de cada um de nós e a quem todas essas histórias apavoram. É a ela, pois, que deverás convencer a não recear a morte como se fossem μορμολύκεια! (*Phd.* 77e. Trad. Azevedo, 2000, p. 59, com alterações).

Platão recorre, então, a uma figura do imaginário popular para associar o medo da morte. Esse medo só poderia ser associado com as pavorosas μορμολύκεια. A forma espectral, que emerge das sombras, que provoca o medo apenas pelo nome, essa figura coaduna com o medo da morte, que é enfim o medo do desconhecido e do oculto.

Não é apenas no *Fédon* que Platão utiliza o termo. No *Crítion*, Sócrates fala para seu amigo homônimo ao diálogo que nenhum argumento nem o poder da maioria poderia apavorá-lo (μορμολύττητα), como se fosse criança (46c). Também no *Górgias*

Sócrates afirma que Polo está tentando assustá-lo (μορμολύττη) com argumentos que não chegam ao nível de uma refutação (473d).

Se nos dois diálogos acima Sócrates utiliza o termo para falar de palavras, poderes e argumentos que podem assustar, no *Fédon* ele utiliza o termo como um substantivo. Ele não está falando de assustar, mas das criaturas pavorosas que assustam. Isso define o estatuto ontológico do medo da morte: o medo infantil e vão de algo que não se deve recear.

Esse medo da morte, próprio do homem comum, difere totalmente do modo como o filósofo deve lidar com a morte. Não temê-la e nem receá-la, mas enfrentá-la com segurança e nobreza. Sócrates está seguro de que após a morte, há alguma coisa, alguma coisa que não deve causar medo para aqueles que viveram de acordo com a vida filosófica.

É contrastante essa segurança do Sócrates do *Fédon* com o Sócrates da *Apologia* e. Na *Apologia*, Sócrates adota uma posição mais cética em relação ao que há depois da morte: ou ela pode ser um sono eterno sem sonhos ou simplesmente a recompensa dos justos e castigo dos injustos (40c). Sócrates convida o ouvinte e o leitor a considerar tais possibilidades, sem, entretanto, tomar uma posição.

Já no *Fédon*, o filósofo é a pessoa que de forma alguma deve temer a morte, pois se exercita de morrer (*Phd.* 67e). Assim como a morte é a separação da alma e do corpo (64d), filosofar envolve a separação da alma com o corpo e seus prazeres e paixões. Morte e filosofia são práticas própria do filósofo. Com Sócrates e em Sócrates, apreende-se que o verdadeiro filósofo: é aquele que nutre o desejo de seguir aquele que morre (61d); é mal afamado por que julgam-no padecente do mal da morte (64b); aceita de bom grado a morte; renuncia aos prazeres da vida para se concentrar em si mesmo (64e); emancipa a alma do comércio com corpo, aspirando ao real (65a,c); guia suas pesquisas pela razão (66b); deseja aquilo que é de acordo com a filosofia e a libertação purificadora que ela opera no indivíduo (82d).

Desse modo, a serenidade de Sócrates coaduna-se com a sua atividade filosófica, e torna o filósofo a sua própria filosofia. Não há sentido, então, em temer a morte. O medo de Cebes que a alma se dissipe como fumo nada mais é do que a opinião do

vulgo. No Canto XXIII da *Iliada*, a alma de Pátroclo sumia sob a terra sibilando diante de Aquiles (v. 100-104). A morte é, para o vulgo, o desaparecimento do eu, preservando apenas a psique e a imagem, sem, contudo, permanecer a mente (*Il.* XXIII, 104).

A descrição de Fédon a Equécrates de que em breve aquele homem que parecia feliz, seguro e nobre, em breve deixaria de existir, é o medo do popular, proporcionado pelo pensamento homérico. Sócrates luta contra o pensamento vulgar: eram pessoas que acreditavam ser a morte um mal, que inclusive todo filósofo deveria padecer.

A morte não é μορμολύκεια para Sócrates. Ele não a teme com um medo vão e infantil. Do contrário, a morte é a aspiração do filósofo, pois filosofar envolve a mesma separação que requer a morte: separar alma e corpo. Temer a morte é para o comum, para o pensamento que não guia sua busca pelo conhecimento através da razão. Assim, ele não vê mais sentido em atender o pedido de Críton, que pede para que ele atrase o máximo que puder a sua condenação. Quem pensa ganhar mais tempo e mais vida atrasando-a ao máximo aquilo que já deu o que tinha que dar é quem entende a morte como um terror pavoroso. Atender a esse pedido é não ser filósofo, é não estar preparado para a morte que avança.

Avançar no terreno da morte é pisar na escuridão do desconhecido. Como a mulher coríntia que foge para longe, para o desconhecido, a morte se apresenta assim para aquele que a desconhece: está longe, mas espreita no oculto, pronto para devorar aqueles que agiram mal. Mas a morte não é esse desconhecido para o filósofo. Platão pensa que a morte é de fato um benefício para aquele que viveu a vida a operar a separação de sua alma do corpo. Rebate assim o pensamento comum e homérico da morte como a finitude da alma.

Epicteto considera o medo da morte como algo a ser superado, sendo tarefa principal do filósofo. A morte pertence às coisas que estão não estão ao nosso encargo. Conforme Dinucci

[...] a morte pertence às coisas que devem ser enfrentadas com confiança, enquanto o medo da morte é evitável e precisa ser encarado com cautela, pois o medo nesse caso é um juízo errado sobre determinada representação, e o juízo está no âmbito das coisas que estão sob o nosso encargo e dependem do nosso assentimento.

Epicteto orienta seus discípulos a cuidarem de seu estado interno e terem intrepidez frente aos fatos externos. Eles deveriam aprender a encarar com confiança coisas como a morte, a prisão e o exílio e com cautela as opiniões que temos sobre essas realidades inelutáveis. (DINUCCI, 2019, p. 90).

De fato, Epicteto considera terrível não a morte, mas temer o sofrimento e a morte (2.1.13). Assim, é uma tarefa formidável, o filósofo não recear a morte. Reflete em seu pensamento a imagem de Sócrates, que não temeu a morte e a enfrentou com serenidade e com tranquilidade.

Com razão, ao tratar do medo da morte, Sócrates pensa no tratamento que Sócrates dá a ela:

(14) É preciso, portanto, usar a intrepidez contra a morte, mas a prudência contra o medo da morte. Mas agora fazemos o contrário: fugimos da morte, mas, em relação à opinião sobre ela, despreocupação, descuido e indiferença.

(15) Sócrates chama belamente essas coisas de ‘máscaras da loba má’, pois como as máscaras parecem terríveis às crianças pela inexperiência, sentimos também algo semelhante em relação às coisas pela mesmíssima razão que as crianças em relação às máscaras da loba má.

(16) Pois o que é criança? Ignorância. O que é criança? Desconhecimento.

(17) Na medida em que tem conhecimento, a criança em nada é inferior a nós. O que é a morte? Uma máscara. Examina-a atentamente virando-a: vê como ela não morde: é preciso, ou agora ou depois, separar o pequeno corpo da pequena alma, que antes já era separada. (2. 1. 14-17. Tradução de Dinucci, 2019, p. 98-99).

A intrepidez de lidar com a morte deve ser o dever do filósofo, ao passo que a prudência contra o medo da morte deve ser levada à cabo. Isso porque o medo da morte é a cabeça de todos os males que atingem os homens (*Diatr.* III, 26.38). Não sem razão Epicteto vê em Sócrates a capacidade de lidar contra esse mal da alma. É contra o medo

da morte que Sócrates é instigado a ser um encantador, pelo que devolve com a afirmação de que cada um deve fazer encantamentos em si mesmos (*Phd.* 77e-78a). Por isso, deve-se encantar a alma todos os dias de modo que esta manifeste despreocupação e indiferença diante da morte.

A despreocupação sugerida por Epicteto deve ser aquela que Sócrates manifesta em seu último dia de vida. Essa despreocupação é o oposto do que seus companheiros manifestavam diante da abismal realidade da morte. Por isso Sócrates recorre à imagem da criança, e que Epicteto corrobora, associando à experiência da criança, que acolhe a todo tipo de história e conto que lhe é contada.

Assim, Epicteto prefere utilizar *μορμολύκεια* como a máscara do teatro do que o uso que Platão faz, associando às pavorosas criaturas femininas. Ele reconhece na máscara do teatro o estatuto ontológico da morte. Ela não carrega nada a não ser a face pavorosa do que a esconde por trás, mas que não há nada por trás que morda.

Por isso, superar o medo da morte envolve a atitude de Sócrates em sua atividade filosófica. Filosofar é refletir cotidianamente sobre a morte. Filosofar é conhecer a morte e, portanto, não temer o que há atrás da máscara assombrosa. A morte, para Epicteto, deve estar sempre diante dos olhos, mais do que qualquer outra coisa que seja tomada como terrível (*Manual XXI*).

Platão e Epicteto tomam uma atitude perante o medo da morte: temê-la é ter a imaginação e o coração de uma criança, que traduz a ignorância e a falta de conhecimento. É inútil desesperar-se com a morte, mas é proveitoso para o homem tê-la sempre diante de si como uma tarefa séria e válida, pois o medo da morte pode intervir na operação que separa a alma do corpo, mas que não é propriamente a morte, mas tarefa da filosofia.

CONCLUSÃO

Pensar a representação feminina da rejeição da maternidade é entender que as representações que fazem dela só pode alcançar a face da monstruosidade. Com Platão e Epicteto, as denominações que se dão para a *Μορμώ* versam sobre o mal, e ainda que

seu uso seja apenas no domínio do discurso, há que se ver que a raiz de seu termo acaba caindo em uma questão do gênero e suas representações.

O medo da morte é algo que deve ser repellido constantemente, com encantamentos do ponto de vista platônico, e com despreocupação do ponto de vista estoico. De fato, Epicteto parece se servir da imagem e das atitudes de Sócrates em seu último dia de vida. O medo da morte é a face – feminina! – que traduz violência e terror. Mas basta que se vire a máscara, ou que se volte para o infantil coração, seja ele da criança ou do adulto que não possui a maturidade para enfrentar o medo da morte, para que se veja que tudo não passa de obra do imaginário: seja o imaginário repulsivo da mulher que não deseja a prole, seja o imaginário da morte e seu aspecto terrível.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRANDÃO, J. S. *Mitologia Grega*. 26ª ed. Vol. 1. Petrópolis: Vozes, 2015.
- CHANTRAINE, P. *Dictionnaire étymologique de la langue grecque*. Paris: Klincksieck, 2009.
- DINUCCI, A.; OLIVEIRA, F.; SILVA, C. E. M. L. Epicteto, Diatribes 2.1 A 2.6. *Prometheus*. n. 29. São Cristóvão. p. 89-115, 2019.
- FONTENROSE, J. *Python: a study of delphic myth and its origins*. California: University of California Press, 1980.
- JOHNTON, S. I. *Restless Dead. Encounters Between the Living and the Dead in Ancient Greece*. California: University of California Press, 1999.
- MORTOZA, M. P. D. *As fontes antigas do vocábulo λάμια: catalogação, tradução e comentário dos fragmentos*. 2016. 349 f. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2016.
- PLATÃO. *Fédon*. Trad. Jorge Paleikat e João Cruz Costa. 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- PLATÃO. *Fédon*. Trad. Maria Teresa Schiappa de Azevedo. São Paulo: Ed. UnB, 2000.
- PLATO. *Phaedo*. Ed. John Burnet. London: Oxford University Press, 1911 (reprinted).

PATERA, M. *Figures grecques de l'épouvante de l'antiquité au présent. Peurs enfantines et adultes*. Boston: Brill, 2015.